



# ARQUEOLOGIAS DA PAISAGEM URBANA ATRAVÉS DA PONTUAÇÃO ARQUITETÔNICA: CONVENTOS FRANCISCANOS DESENHANDO CAMINHOS, CENTRALIDADES E ROTAS

**EIXO TEMÁTICO: “Outras” histórias?**

**SILVA, Maria Angélica da**

Doutora; Universidade Federal de Alagoas  
mas.ufal@gmail.com

**ALMEIDA, Reberth Emmanuel Rocha**

Mestre; Universidade Federal de Alagoas  
reberthalmeida.ra@gmail.com

## RESUMO

Os estudos de histórias das cidades levaram o Grupo de Pesquisa Estudos da paisagem, da base CNPq há mais de 20 anos, a se deter em edificações que foram tratadas enquanto objetos urbanos. Assim, surgiu o estudo dos 28 conventos franciscanos, situados em 26 cidades do Brasil, cujas evidências iniciais foram encontradas em intenso trabalho de campo para, a seguir, serem confirmadas através de análise da cartografia histórica e das fontes primárias. A presente comunicação se propõe a apresentar este conjunto patrimonial enquanto reflete sobre os recentes estudos do Grupo que vizam impulsionar o papel urbano destes complexos edifícios, que em suas origens cumpriram funções estratégicas. Apresenta-se a proposta de vinculá-los novamente em rede, como se procedia no passado, onde uma casa apoiava a outra, através de uma rota de visitação cultural baseada em pesquisa e em princípios de turismo sensível e sustentável. Percorrê-los em rede não apenas poderá promover a revalorização patrimonial do conjunto, mas, poderá ofertar a possibilidade de criar laços e experiências culturais mais densas entre conventos, pessoas e cidades, num resgate que deve enfatizar as conexões entre natureza, história e hospitalidade, por meio de uma perspectiva renovada, ancorada em matizes de espiritualidade e conhecimento social, longe dos careteres predatórios e de consumo que comumente o turismo de massas provoca.

**PALAVRAS-CHAVE:** conventos franciscanos; cartografia histórica; arqueologia da paisagem; rotas.

## ABSTRACT

*The studies on city histories led the Research Group Estudos da Paisagem, part of the CNPq base for over 20 years, to focus on buildings treated as urban objects. This approach gave rise to the study of 28 Franciscan convents located in 26 cities across Brazil, whose initial evidence was discovered through extensive fieldwork, later confirmed through analysis of historical cartography and primary sources. The present communication aims to showcase this heritage ensemble while reflecting on the Group's recent studies, which seek to enhance the urban role of these building complexes that once served strategic functions. The proposal suggests re-linking them in a network, as was done in the past, where one house supported the other through a cultural visitation route based on research and principles of sensitive and sustainable tourism. Traversing them as a network can not only promote the patrimonial revaluation of the ensemble but also offer the possibility of fostering deeper cultural ties and experiences between convents, people, and cities. This revival should emphasize the connections between nature, history, and hospitality through a renewed perspective, grounded in aspects of spirituality and social knowledge, far removed from the predatory and consumerist traits often provoked by mass tourism.*

**KEY-WORDS:** Franciscan convents; historical cartography; landscape archaeology; routes.

## RESUMEN

*Los estudios sobre la historia de las ciudades llevaron al Grupo de Investigación Estudos da Paisagem, parte de la base CNPq desde hace más de 20 años, a centrarse en edificaciones tratadas como objetos urbanos. Este enfoque dio lugar al estudio de 28 conventos franciscanos, situados en 26 ciudades de Brasil, cuyas evidencias iniciales fueron descubiertas a través de un extenso trabajo de campo, luego confirmadas mediante el análisis de cartografía histórica y fuentes primarias. La presente comunicación se propone presentar este conjunto patrimonial, al tiempo que reflexiona sobre los estudios recientes del Grupo, que buscan impulsar el papel urbano de estos complejos edificados, que en sus orígenes cumplían funciones estratégicas. Se presenta la propuesta de volver a vincularlos en red, como se hacía en el pasado, cuando una casa apoyaba a la otra a través de una ruta de visita cultural basada en la investigación y en principios de turismo sensible y sostenible. Recorrerlos en red no solo podrá promover la revalorización patrimonial del conjunto, sino también ofrecer la posibilidad de crear vínculos y experiencias culturales más profundas entre conventos, personas y ciudades, en una recuperación que debe enfatizar las conexiones entre naturaleza, historia y hospitalidad, desde una perspectiva renovada, anclada en matices de espiritualidad y conocimiento social, lejos de los rasgos depredadores y consumistas que comúnmente provoca el turismo de masas.*

**PALABRAS CLAVE:** Conventos franciscanos; cartografía histórica; arqueología del paisaje; rutas.

## **1 - INTRODUÇÃO - O GRUPO DE PESQUISA ESTUDOS DA PAISAGEM E OS CONVENTOS FRANCISCANOS: UMA ARQUEOLOGIA DO SENSÍVEL**

Antes de lançar totalmente os olhos sobre as letras dos livros, colocar em prática os próprios corpos e experimentar as arquiteturas, os espaços e as estradas por meio do caminhar, do toque, do olhar, do sentir. Assim, desde 1998, o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas), da base CNPq, tem convidado seus pesquisadores, dos mais diversos níveis acadêmicos, a conduzir metodologicamente seus trabalhos a partir de experiências e vivências.

Foi esse ideário que levou o Grupo a se envolver em empreitadas próprias e com projetos que o conduziram a diversas expedições ao longo dos anos, cruzando não somente as terras de seu estado de proveniência, Alagoas, ou sua região, o Nordeste, mas também diversos países.

Através dos caminhos e adentrando cidades, nossos pesquisadores, exercitando sua percepção, captaram singularidades, tanto quanto presenças comuns em lugares diversos, como formas urbanas de assentar-se sobre relevos, traçar arruados, pontuar igrejas e fortes, derramar-se em ladeiras. Não apenas perceber na individualidade, mas também ao ouvir as histórias de quem habita em constância, compreender outras dimensões do habitar, por vezes pouco tocadas pela materialidade do construído.

Para o Grupo, então, a Paisagem tão logo seria entendida não apenas como constituída pelos elementos que se veem, mas por tantos outros que apelam para os demais sentidos. Também paisagens reconstituídas a partir das tramas dos relatos, ao ponto de, como mote, repetirmos com a cineasta Agnès Varda a celebre fala: “Se abrissemos as pessoas, encontraríamos paisagens”.

Desse modo, já nas primeiras de nossas incursões, chamaram a atenção de nossos pesquisadores, assim como para o historiador de arte, Germain Bazin, os reservados, mas imensos, conventos franciscanos. Assim como para ele, ante o verdor vegetal e o azul do céu, as paredes de “frágil brancura” e as pedras douradas dos seus interiores captaram o interesse de desvendar seus mistérios. Em um tempo em que o Grupo se envolvia nos continuados

estudos de histórias das cidades, os conventos foram surgindo como objetos não só arquitetônicos, mas urbanos. Surgia, de tal maneira, o estudo dos vinte e oito conventos franciscanos situados em vinte e seis cidades do país.

Por derramarem-se da costa Nordeste a Sudeste, foram necessárias diversas e constantes visitas para que as casas fossem vivenciadas e, a partir disto, adentradas sob novas perspectivas para além da força estilística barroca que investe a maior parte delas, dosando brilho e simplicidade, nos valendo da expressão de Glauco Campello (2001).

Nessa abordagem das casas franciscanas, o material cartográfico foi essencial tanto para auxiliar nos estudos urbanos, como também confirmou o lugar destes conventos na escala macro da paisagem.

Perante este material pesquisado, que já resultou em publicações e de vários produtos de divulgação do conhecimento, pode-se pensar, dentro dos “horizontes possíveis”, dar um passo maior e indagar como podem dialogar, como peças patrimoniais, com as questões acerca dos centros históricos, e assim contribuir para as expectativas quanto ao futuro das cidades. A isto se soma as demandas de manutenção física das casas, que chegam ao presente com usos alterados e quase vazias devido à ausência de vocações para a vida religiosa reclusa e assim, na expectativa de suporte de reuso que as ressignifiquem.

## **2 - DE FRANCISCO DE ASSIS AOS CONVENTOS BRASILEIROS**

Discretos no âmbito da paisagem do entorno, embora sempre situados em locais de grande visibilidade, de fato, os conventos franciscanos se valeram de um conhecimento milenar para se introduzirem nos núcleos urbanos já nos primeiros séculos da colonização portuguesa na América.

Foi no século XIII, na Úmbria que o franciscanismo encontrou suas origens, aparecendo inicialmente como um movimento religioso que advogava os lugares urbanos e os ermos, mas também as estradas, como seu *locus* próprio (Le Goff, 2010). Por alcançar grande número de seguidores que necessitavam de preparação para as pregações, surgindo a necessidade de se

abrigarem em locais próprios, o franciscanismo se valeria em breve, de uma rede extensa de casas, cada vez mais complexificada conforme também se complexificavam as divisões no seio da Ordem de Francisco.

Assis, como maior destaque, viu surgir, pelas mãos de um dos grupos que se fracionaram entre os Menores, um grandioso convento e uma das mais proeminentes igrejas medievais que chegam à atualidade, marcada por inovações.

Em Portugal, os franciscanos chegaram ainda no século XIII, entre 1216 e 1217, por meio da presença dos frades e a seguir, do próprio Francisco, em peregrinação rumo a Compostela (Franco, 2010, p. 161). A ramificação até a Península Ibérica insere-se, por sua vez, no contexto de expansão da Ordem que, àquele momento e nos anos seguintes próximos, chegava à França, Dalmácia, Hungria, Germânia, Inglaterra, Palestina, Marrocos, África, Índia, Mongólia e China, aumentando o número de frades a aproximadamente dez mil até 1230 e adentrado o século XVI, em 1517, com cerca de três mil casas espalhadas pelo então mundo conhecido (Rocca e Pelliccia, 1974, p. 491-492).

Em nosso país, os franciscanos chegaram, no ano de 1500, e destaca-se o feito de um deles ter celebrado a primeira missa do Brasil (Jaboatão, 1858, p. 10). Foram ainda no século XVI que figuraram em solo da então colônia portuguesa da América as construções das primeiras casas ou conventos franciscanos: foram eles o de Olinda-PE, em 1585, o de Salvador, em 1587, o de Igarassu, em 1588, o de João Pessoa, em 1589, e o de Vitória, em 1591 (Jaboatão, 1858; 1859; 1861). No desenho da costa, estas primeiras escolhas de ocupação, que distribuem-se em intervalos aproximadamente regulares, delimitando dois grandes núcleos a nordeste e a sudeste, formando uma interessante pontuação ou demarcação territorial que faz pensar em possibilidades estratégicas tanto de evangelização quanto de povoamento, na medida que incentivavam sempre a vida urbana ao oferecer diversos suportes para o provimento de instrução e de cuidados de saúde. Eram a botica, o cartório, a hospedaria dos lugares urbanos.

Posteriormente, foi a partir destes assentamentos primários, até o século das reformas pombalinas e das crises da Ordem franciscana no Brasil, o XVIII, que se seguiram as fundações de novas casas ou as substituições ou remodelações das antigas que culminaram no acervo

ou conjunto patrimonial hodiernamente conservado. História paralela é, no entanto, aquela das casas franciscanas dos atuais Pará e Maranhão que obedecem a algumas outras lógicas que não aquelas das demais casas do Nordeste e do Sudeste (Cf. Amorim, 2005) que, por sua vez, se irmanam na ascendência comum de suas províncias na província capucha de Santo Antônio de Portugal.

**Figura 1: Os vinte e oito conventos franciscanos brasileiros pesquisados pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem**



**Fonte: Autores (2024)**

Diante da já conhecida - e longamente apontada entre os estudiosos do franciscanismo, até mesmo pelo mais famoso cronista da Ordem, frei Jaboatão – diminuta documentação

primária produzida por eles, principalmente em comparação à prolífica produção jesuíta, os conventos despontam como uma importante fonte de documentação materializada na pedra, no lenho, nos rastros deixados nas formas de se desenhar e ocupar lugares que, hoje, reconhecem-se como cidades das mais diferentes dimensões e localizações.

### **3 - NORDESTE E SUDESTE: PONTUAÇÕES ARQUITETÔNICAS E CONJUNTOS CONVENTUAIS, O ORBE SERÁFICO BRASÍLICO**

#### **3.1. O conjunto conventual do Nordeste**

É o frade cronista franciscano, Jaboatão<sup>1</sup> (1858; 1859; 1861; 1863), que em sua obra, “Novo Orbe Seráfico Brasília”, nos lega tanto a história e descrições dos inícios da casa de Olinda, o mais longo dos conventos, quanto a composição da lista clássica do que hoje entendemos como a rede de casas franciscanas do Nordeste, o que inclui, não apenas os conventos, mas, exemplares menores, os denominados hospícios.

Através das crônicas de Jaboatão (1858; 1859; 1861; 1863), além do já citado convento de Olinda (Nossa Senhora das Neves, fundado em 1585), temos também o convento de Salvador (São Francisco, fundado em 1587), Igarassu (Santo Antônio, fundado em 1588) e João Pessoa (Santo Antônio, fundado em 1589), os de Santo Antônio de Recife e de Ipojuca, fundados em 1606; o convento de Santo Antônio de São Francisco do Conde, de 1629; o convento de Santo Antônio de Serinhaém, de 1630; o convento de São Francisco de Paraguaçu, de 1658; o convento de Santo Antônio de Cairu, de 1650; o convento de Santa Cruz de São Cristovão, de 1658; os conventos de Santa Maria dos Anjos de Penedo do São Francisco e Santa Maria Madalena, na vila de mesmo nome, ambos fundados em 1660; os hospícios de São Francisco, em Pau d’Alho e de Nossa Senhora Boa Viagem, em Salvador. Obtêm-se, assim, um total de quinze edificações espalhadas por, atuais, cinco estados da federação.

---

<sup>1</sup> Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, nascido na Bahia Santo Amaro, Pernambuco, em 1695, foi o frade cronista da Província de Santo Antônio do Brasil. Deixou extensa obra, destacando-se o “Novo Orbe Seráfico Brasília ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil”, composta em duas partes e três volumes a partir de da segunda metade do século XVIII. Veio a falecer na Bahia em 1779.



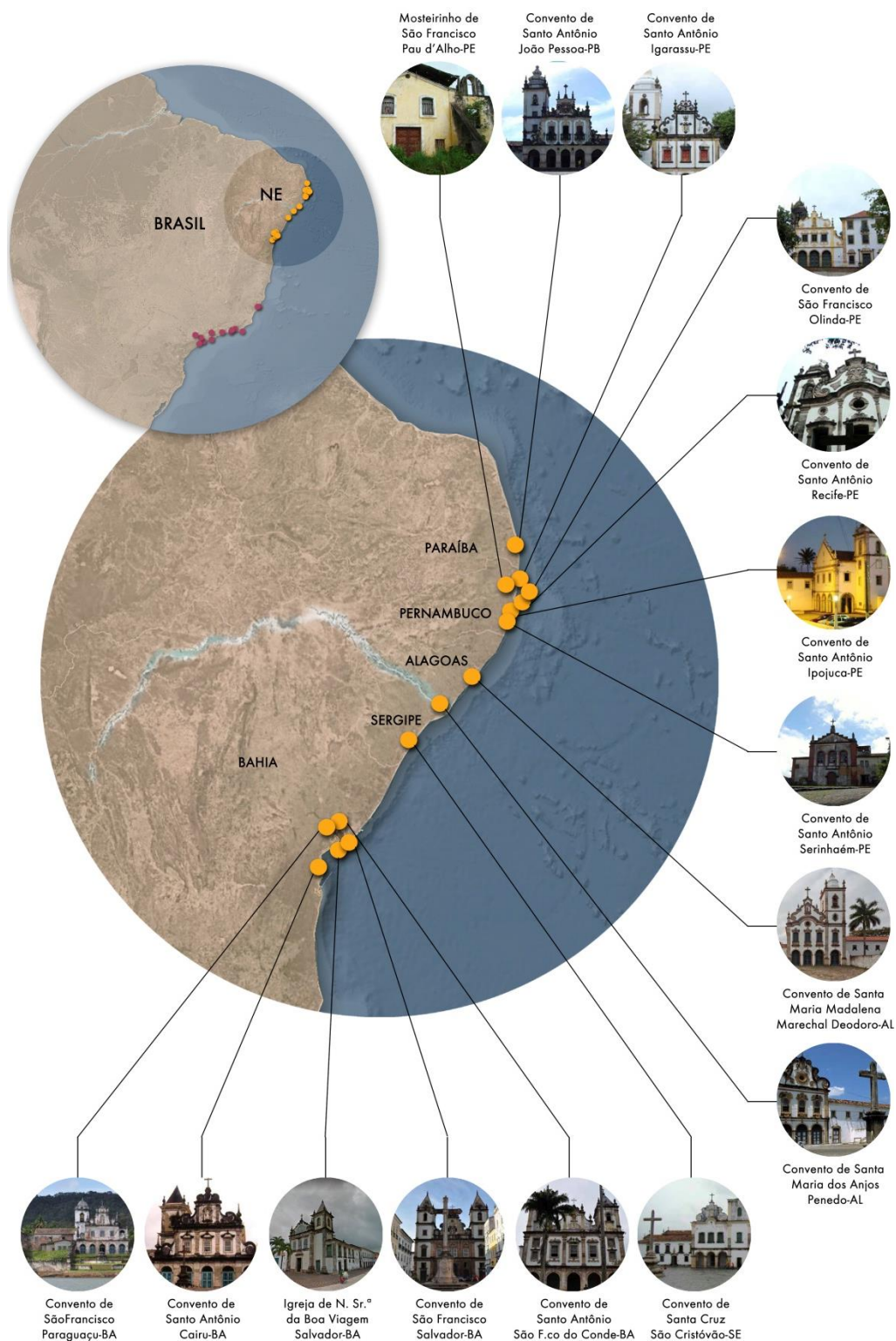
Faz-se importante notar como estas casas encontram sua localização em lugares urbanos que, no passado, trataram-se de povoações tidas como pontos nevrálgicos nos processos de colonização do Nordeste, localidades, no geral, avizinhas ao litoral e próximas a corpos d'água como rios e lagoas que, em alguns casos, lhes serviam de portos, além de fontes de abastecimento (cf. Silva, 2019).

Atendendo a proposta do ideário franciscano de estar próximo aos fiéis e de seus locais de moradia, tais conventos nordestinos, apesar de historicamente adotarem um sutil afastamento dos núcleos habitacionais originais, estavam perto o suficiente para que os frades e as comunidades estabelecessem os diálogos necessários e que se traduziam tanto nos processos de evangelização e fornecimento de serviços eclesiais, quanto na oferta de outras formas de auxílio material (cf. Magalhães; Ferrare; Silva, 2012). Essa opção de assentamento nas paisagens legou aos conventos tanto a possibilidade de estarem imersos ou rodeados por entornos ricamente vegetados quanto à possibilidade da posterior incorporação e influência destes nos traçados de suas futuras cidades (cf. Alves, 2017; Marx, 1984; Silva, 2019).

De fato, o conjunto conventual nordestino apresenta-se, na atualidade, melhor preservado e destaca-se, em relação ao conjunto sudestino. Ressaltam-se conventos como os de Salvador, Recife, Olinda e João Pessoa, famosos por suas talhas, azulejaria, cantaria e dimensões monumentais. Tal relevância proporcionou o reconhecimento patrimonial e tombamento individual a nível nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) de cada uma das quinze casas nordestinas entre os anos de 1938 e 1980. Além disso, os conventos de Olinda, Salvador e São Cristóvão se encontram alocados em sítios declarados como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela Unesco, respectivamente nos anos de 1982, 1988 e 2010 (Silva *et al.* 2022).

**Figura 2: Conjunto conventual do Nordeste. Elaborado a partir das obras dos frades Jabotão e Apolinário da Conceição sobre base do Google Earth.**





Fonte: Autores (2023)

### 3.2. O conjunto conventual do Sudeste

Também por meio da obra de Jaboatão (1861), começa-se a ter uma visão sobre a formação do conjunto conventual do Sudeste, mais precisamente a partir da segunda parte do Novo Orbe que permaneceu inédita até o século XIX, quando de sua publicação através do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Nesse sentido, a lista de Jaboatão para as casas do Sudeste inicia-se com o convento de São Francisco em Vitória, na antiga capitania do Espírito Santo, fundado em 1591 e quinto entre os conventos pertencentes à, então, Custódia de Santo Antônio do Brasil, dependente ainda, por sua vez, da Província de Santo Antônio de Portugal<sup>2</sup>. A lista segue entremeando os conventos do Nordeste até a fundação, em 1658, do vigésimo convento, o de Nossa Senhora do Amparo em São Sebastião, fundação ocorrida às vésperas do surgimento da Custódia de Nossa Senhora da Conceição do Brasil (1659) e da total posterior separação desta em Província, em 1675.

É nas obras do frade Apolinário<sup>3</sup> (Conceição 1740; 1973; 1733), pouco anteriores a Jaboatão (1858; 1859; 1861; 1863), que, no entanto, encontramos a composição final dos conventos sudestinos: o de São Francisco em Vitória; o de Santo Antônio no Rio de Janeiro, fundado em 1608; o de São Francisco em São Paulo-SP, fundado em 1639; o de Santo Antônio do Valongo em Santos, de 1639; o de São Boaventura de Macacu em Itaboraí, de 1649; o de Nossa Senhora da Penha em Vila Velha, de 1650; o de São Bernardino de Sena em Angra dos Reis, de 1650; o de Nossa Senhora da Conceição em Itanhaém, de 1654; o de Nossa Senhora do Amparo em São Sebastião; o de Santa Clara em Taubaté, de 1673; o de Nossa Senhora dos Anjos em Cabo Frio, de 1684; o de São Francisco em Itu, de 1681; o de Bom Jesus da Ilha no Rio de Janeiro, fundado em 1705.

Apolinário, em sua obra denominada Epítome da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil (Conceição, 1973), diferentemente de Jaboatão (1858; 1859; 1861; 1863),

---

<sup>2</sup> A situação de dependência perdurou até 1657, quando a Custódia brasileira adquiriu, também ela, o status de Província.

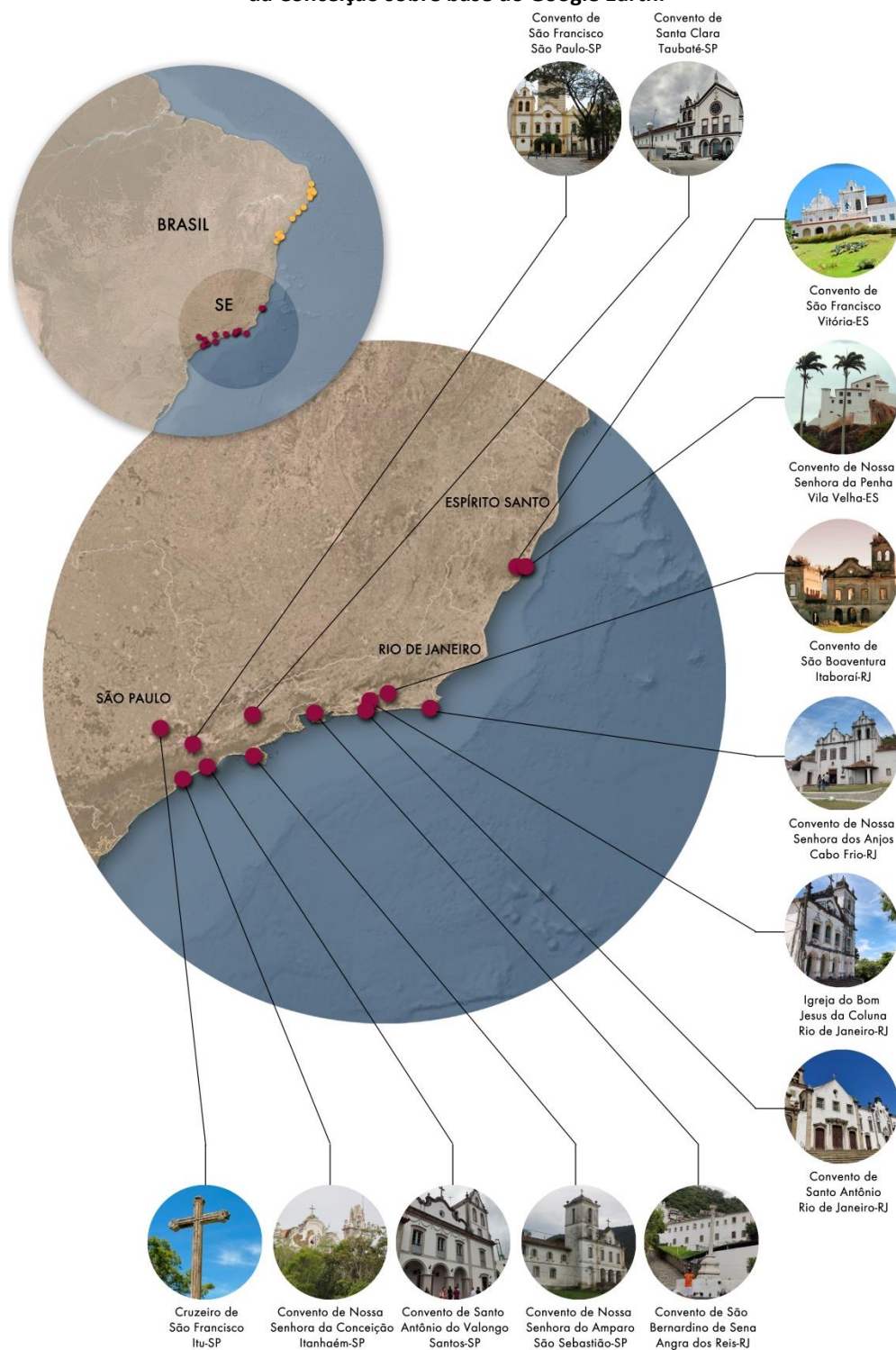
<sup>3</sup> Frei Apolinário da Conceição, nascido em 1692, foi um frade leigo professo no convento de São Paulo em 1711. Deixou uma obra mais humilde em relação àquela de Jaboatão, ainda assim, recebeu pelo Capítulo Geral de Valladolid, em 1740, o título de Cronista da Província da Imaculada Conceição do Brasil. Entre sua produção, destacam-se o “A Primazia Seráfica”, “O Claustro Franciscano” e o “Epítome da Província da Imaculada Conceição”, esta última, que, apesar de sua exiguidade, pode ser tomada como uma pequena crônica daquela província.

em seu Orbe, e de modo interessante, compôs sua lista de casas franciscanas – conventos e hospícios – não de modo cronológico, mas, de maneira tal, a traçar um itinerário de viagem, guiando o leitor paulatinamente de localidade em localidade, de casa em casa, informando, entre umas e outras, distâncias em léguas, latitudes em graus, descrições geográficas, urbanísticas e até opções de percurso – por terra ou pelas águas. Os cenários que Apolinário, que nos fala a partir do século XVIII, expõem como lugares de assentamentos das casas franciscanas, em sua maior parte tratavam-se ainda de pequenas localidades, ainda que Rio de Janeiro, Santos e São Paulo fossem já expressivas considerando a época. A do Rio de Janeiro, por exemplo, que galgaria a posição de cidade já 1763, chamada de “rica e opulenta” pelo frade, contava, segundo informações do mesmo, ainda com dez mil moradores e, em São Paulo, o convento de São Francisco, que hoje encontra-se imerso em meio ao emaranhado urbano da grande metrópole, aparecia como marco da entrada da antiga povoação, criando com o mosteiro de São Bento uma polaridade que, marcando limites, desenhava uma das principais ruas do lugar.

A situação atual das casas sudestinas contrasta grandemente com aquelas do Nordeste. Um cenário histórico diverso levou a casos de supressões parciais ou totais, estados de modificações ou arruinamentos mais drásticos ou refazimentos de partes que outrora haviam ruído ou sido demolidas (cf. Marx, 1984). Levantamento feito em 2022 (Silva *et al.*, 2022) aponta que apenas três dos outrora treze conventos do Sudeste são habitados por frades da província franciscana original de Nossa Senhora da Conceição (o de Vila Velha-ES, o de São Paulo-SP e o do Rio de Janeiro-RJ); um, o de Taubaté-SP, é habitado por frades franciscanos capuchinhos; três exercem a função de museu/centro cultural (o de Vitória-ES, o de Cabo Frio-RJ e o de Angra dos Reis-RJ); dois apresentam uso diocesano (o de Santos e o de São Sebastião-SP); dois encontram-se em estado de ruína, estando a igreja em uso (o de Bom Jesus da Coluna da cidade do Rio de Janeiro e o de Itanhaém-SP); um encontra-se em ruína e em local afastado e de acesso restrito (o de Itaboraí-RJ) e um foi completamente suprimido, restando apenas o cruzeiro de pedra de grande valor artístico e histórico (caso de Itu-SP). Pelos contextos acima expostos, apenas sete destes conventos encontram-se tombados a nível nacional pelo IPHAN,

sendo outros cinco reconhecidos pelas esferas estaduais (Vitória, São Paulo, Santos, São Sebastião e Taubaté) (Silva et al., 2022).

**Figura 3: Conjunto conventual do Sudeste. Elaborado a partir das obras dos frades Jaboatão e Apolinário da Conceição sobre base do Google Earth.**



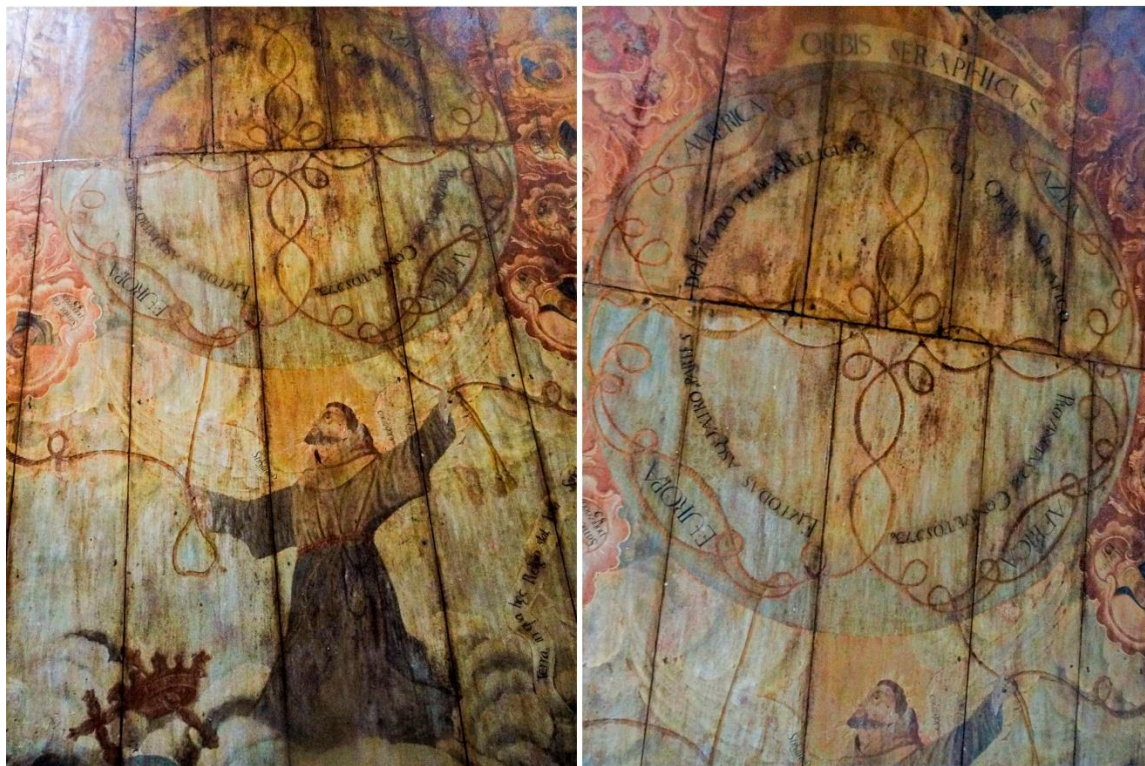
**Fonte: Autores (2023)**



### 3.3. Orbe franciscano

Quando Jaboatão (1858) evoca o nome Orbe para a sua obra, diretamente aborda a mística franciscana que busca alcançar os fiéis nas mais variadas partes do globo. O cronista o faz para falar de uma espécie de “mundo” próprio criado pelos franciscanos para além e em terras brasílicas, um “mundo” que se dá numa construção entremeada aos povos que por aqui circulavam, aos lugares urbanos que foram aos poucos se inventando, às florestas que iam sendo pouco a pouco adentradas em busca da conversão dos povos que ali habitavam. O “mundo” de que nos fala Jaboatão, tinha, por assim dizer, uma dimensão também não física. Uma dimensão que era construída com os pés, com o sacrifício de inúmeros adeptos que da Ordem, que, desde os seus primórdios, andaram pelo mundo e, assim também, nos séculos XV e XVI, se fizeram presentes nos processos de invasão da América, durante os processos expansionistas.

**Figura 4: Forro da portaria do convento de Olinda, pintura *Orbis Seraphicus* onde São Francisco aparece entrelaçando, com nós do cordão que identifica os franciscanos, os quatro continentes do mundo então conhecido.**



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (2016)

O cronista, ao mencionar o “Orbe”, retoma um termo comum para falar da franciscanidade, ele recolhe a expressão de Domenicus di Gubernatis, que em sua obra, *“Orbis Seraphicus: historia de tribus ordinibus a Seraphico Patriarcha S. Francisco institutis”*, estendia o orbe franciscano em escala maior, isto é, aquela do mundo (Jaboatão, 1858, p. III). E esta dimensão comparece visualmente, até os dias de hoje, no teto do primeiro convento, o de Olinda.

Portanto, quando se trata de falar e de mapear caminhos, este tema está bem próximo da Ordem. Hoje, talvez, pudéssemos pensar o orbe franciscano em termos de território, como algo que entranhava e se alinhava a outros territórios sem necessariamente contradizê-los, mas sem deixar, contudo, de estar atrelado ao que consideramos hoje um processo de dominação. Foram atuantes em “conquistar”: os territórios dos povos indígenas, e do edificar dos que se tornaram domínio da Coroa Portuguesa, muitas vezes em disputa com os territórios de outras ordens religiosas, participando efetivamente das rotas dos viajantes, seja ele Cabral ou o “franciscano” Cristóvão Colombo. A princípio, um território do caminhar que foi sendo pontuado por postos de parada, isto é, eremitérios, conventos, hospícios e, mais tarde, quando dos chamados descobrimentos, também as missões. Haesbaert (2004, p. 7) cita a possibilidade dos territórios também serem móveis ou “territórios descontínuos, os dos comerciantes e seus balcões, os das peregrinações e de suas igrejas de romaria, ‘territórios-rede’ [...]”.

O território franciscano construído em tempos coloniais foi, pois, feito de tal modo em rede, a partir das tensões entre o chegar, caminhar, construir habitares efêmeros, “solidifica-los” em conventos e, entre estes e as missões em meio aos povos indígenas e outros núcleos povoados, novamente caminhar em itinerância. Bazin (1983, p. 137-156) advoga para estas caminhadas rastros deixados na feitura das casas franciscanas do Nordeste que ainda hoje seriam visíveis em determinadas singularidades arquitetônicas e artísticas entre as mesmas. O autor conjectura a existência de “oficinas ambulantes” e a formação de uma “escola franciscana do Nordeste”. Portanto, subliminarmente, defende também a ideia dos rastros, estendendo relações, entre as casas da América e além mar.

Já Apolinário em sua obra “Claustro Franciscano” (Conceição, 1740) traça uma extensa rede de relações entre ramos franciscanos, províncias, custódias, conventos, hospícios e missões distribuídos por todos os domínios da Coroa Portuguesa da época. Delineia uma geografia do território franciscano no reino português ligada a uma rede maior, cumprindo o destino de palmilhar o mundo.

**Figura 5: Imagem de pés franciscanos. Detalhe de pintura do acervo do Museu Pinacoteca localizado no antigo convento de Igarassu-PE.**



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (2016)

## **4 - ESTRATÉGIAS DE EXPANDIR TERRITÓRIOS E ALCANÇAR CAMINHOS**

### **4.1. Convento e urbe**

A ideia do caminhar acena com a questão dos acessos. Os espaços dos conventos estabelecem um intenso diálogo com os locais urbanos em que estão inseridos também a partir de outras estratégias territoriais. Há de se enfatizar, por exemplo, a questão dos adros (Cf. Albuquerque, 2012). De fato, apesar de o senso comum pressupor que os conventos se iniciam a partir de suas portas de entrada – as das igrejas, as dos claustros ou outras situadas em seus muros –, a verdade é que já por meio dos seus adros se antecipa uma presença, se estabelece um domínio e, ao mesmo tempo, é determinado um espaço de acolhimento que, indo em direção às ruas, vai dilatando o convento em forma do que convencionamos chamar de praça. De fato, a prática dos adros é muito antiga, mas no caso dos conventos em análise, além de estender o domínio territorial para além da edificação conventual, consegue, com este espaço considerado “vazio”, criar uma antecâmara para o convento, uma sala de estar em aberto,



onde o edifício religioso se prolonga, e que é usado para uma série de práticas religiosas, mas também leigas.

Por outro lado, executa uma sábia estratégia espacial, pois garante um cone de observação para o complexo conventual que, se se enredasse nas vielas e becos dos lugares coloniais, não teria uma abertura de contemplação suficiente para a escala da fachada dos blocos edificadas.

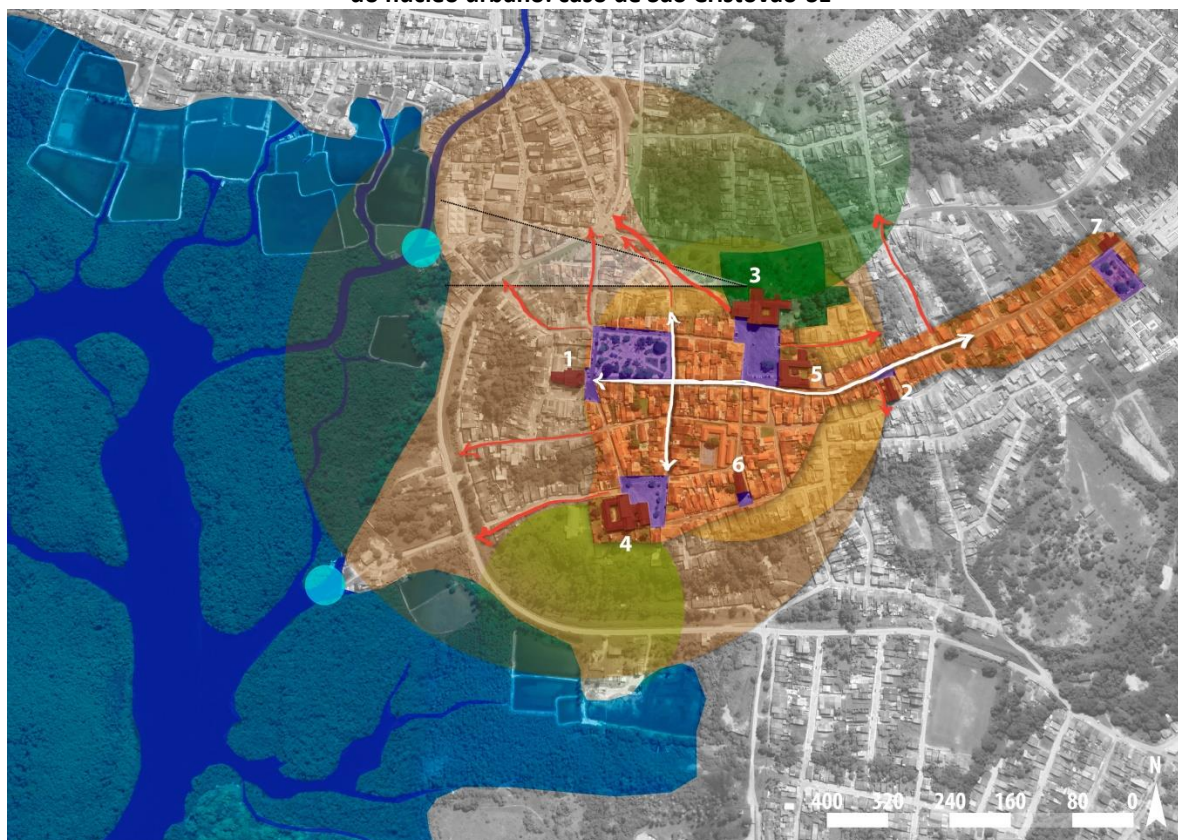
Esta estratégia é ratificada e pontuada pelo uso do cruzeiro, em geral majestoso, que pontua este território, mas, mais que isso, sinaliza um ponto de chegada e de partida, uma espécie de placa da jornada cristã, que tem seu ápice no acontecimento da crucificação e que no lugar urbano, cria, por vezes, a depender da topografia ou do arruamento, para muito além do território edificado franciscano, o sinal físico e dramático da sua presença.

**Figura 6: Exemplo de análise das relações de um convento franciscano brasileiro com o entorno imediato do núcleo urbano: caso de São Cristóvão-SE**



**Fonte: Autores (2024)**

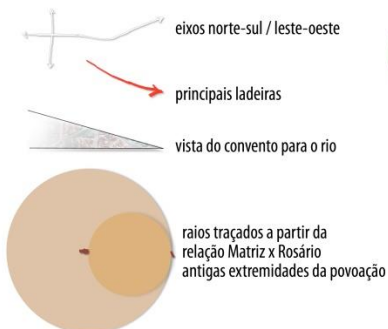
**Figura 7: Exemplo de análise das relações de um convento franciscano brasileiro com o entorno imediato do núcleo urbano: caso de São Cristóvão-SE**



**LEGENDA**

- área percorrida - sensação de terreno plano
- edificação de origem religiosa
- área livre adjacente à edificação religiosa
- cerca do convento franciscano
- rio Paramopama e sua área de várzea
- local atual de atracagem de embarcações

- 1 Igreja Matriz
- 2 Igreja do Rosário dos Pretos
- 3 Complexo conventual franciscano
- 4 Complexo conventual carmelita
- 5 Complexo edílico da Santa Casa de Misericórdia
- 6 Igreja do Amparo
- 7 Antigo Hospício Capuchinho



- conjectura de antiga extensão da cerca franciscana
- conjectura de antiga extensão da cerca carmelita

**Fonte: Autores (2024)**

Os complexos conventuais estendem também seus domínios territoriais através de áreas vegetadas denominadas cercas. Elas se situam no fundo e laterais do convento e, além de funções espirituais, eram fundamentais para a sobrevivência da comunidade dos frades e de seus apoiadores. Também as cercas faziam parte do sistema de caminhos, ao considerarmos que, algumas delas, se estendiam, antes de desconfigurações em direção aos corpos d'água,

arregimentando inclusive, para si, um porto (cf. Alves, 2017). É o caso do antigo convento situado na vila de Santa Maria Madalena, hoje cidade de Marechal Deodoro, antiga capital da província de Alagoas. Em meio a estes dois grandes lugares “vazios”, adro e cerca, calçada e quintal de uma casa coletiva de dimensões expandidas, emergem, então as massas edificadas e cobertas da moradia franciscana: igreja, capela e a quadra claustral que abraça um outro “vazio” mais íntimo. Estes imensos jogos de cheios e “vazios”, de cara, marcam nos traçados urbanos singularidades às vezes plenamente visíveis e às vezes ocultas em rastros quase arqueológicos, quando a cidade cresceu sobre a cerca e o adro (cf. Alves, 2017; Marx, 1984).

#### **4.2. Reterritorializar conventos em rede: dimensões a conhecer, redesenhar caminhos**

A pesquisadora do turismo Marta Irving Mattos (2021) chama a atenção para a problemática representada pela insistência do Brasil na promoção do chamado turismo de massa “de sol e praia”, especialmente no contexto pós-pandêmico quando, diante do processo de retomada, se abre para o país a oportunidade de repensar novas estratégias de promoção turística. Ela aponta o equívoco brasileiro em manter uma imagem vinculada prioritariamente às paisagens naturais, quando as pesquisas sobre o turismo apontam que o principal diferencial do país estaria expresso na relação natureza, cultura e hospitalidade, sendo isto, no entanto, desconsiderado em políticas públicas.

A partir dessas considerações, podemos pensar se os conventos não poderiam ser abrigados dentro desta possibilidade do turismo cultural e que benefícios poderiam trazer para o público e para os si próprios. É possível elencar conjecturas acerca das razões pelas quais o conjunto conventual foi sistematicamente desconsiderado enquanto destino turístico apesar do reconhecimento, já antigo, do valor patrimonial de suas unidades e, ao mesmo tempo, refletir acerca das potencialidades e perspectivas das casas franciscanas. Também neste sentido, pensar sobre os caminhos e as suas cartografias, interessam neste projeto.

Considera-se que os conventos franciscanos apresentam, de modo expresso ou latente, a tríplice relação que a pesquisadora apontou como diferencial no interesse turístico pelo Brasil: sua história e missão original conformam um conjunto edilício preñado de diálogos entre paisagens vegetadas, as águas, as cidade, as artes, a espiritualidade; e são afeitos à

hospitalidade. Além disto, são carregados de histórias pespontadas pelas linhas dos conflitos territoriais, sociais, políticos e religiosos que se amalgamaram e que merecem ser filtrados pelas críticas do decolonial.

Observou-se também como por meio da obra setecentista de frei Apolinário da Conceição (1973), e os relatos de Bazin (1983), na década de 1950, encontramos chaves de como percorrer as casas franciscanas em rede. O primeiro traça o roteiro de quem usualmente, deveria habitar caminhos, ao modo do itinerante Francisco. Cruzando rios, mar, serras e lança olhares sobre geografias e cidades, tendo os conventos e hospícios como especiais guias, pontos de parada e pistas para conhecer lugares. O segundo, nos trajes de viajante, traça um roteiro de colecionador de olhares e percepções que percorre os conventos do Nordeste em busca das particularidades da arte barroca e da arquitetura, sendo de fato não apenas um observador, mas um crítico preciso do valor daquelas obras. Estas duas obras podem orientar, ainda no presente, as possibilidades de estudo e de sedimentação da base teórica destes conventos valorados não só em suas edificações, mas nos caminhos que foram traçados entre eles.

Uma outra camada que se superpõe à consulta destas fontes é a própria experiência de pôr-se a caminho, prática que foi salientada no início deste texto e que caracteriza a postura metodológica do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. Foi pondo-se a caminho que vislumbrou-se várias questões que agora suportam a proposta de reunir estes conventos em para visitação em rede, ou seja, entendendo que devem ser entendidos como um grupo, ou uma família, como dizia Bazin.

Foi em visita a estes conventos, que se percebeu os inúmeros pontos que lhes tocam em comum e que vão da implantação, programa, volumetria, ambiências, trato com a natureza, logística projetual, técnicas e materiais. Portanto, tendo como guias Bazin (1983) e também a obra de Murilo Marx (1984), que estudou estes conventos de forma pioneira como objetos urbanos, vai-se elencando outros motivos, para além das montagens estilística e dos recursos do barroco ou do rococó como formas de aproximação destas casas.



Outro ponto a destacar para além dos compartilhamentos espaciais, são os rumos que tomaram estes conventos no presente. Hoje nem todos preservam a função conventual e, embora tombados, alguns chegam aos dias de hoje como ruína, outros foram cedidos para usos religiosos conectados a outras ordens ou outras instituições católicas e alguns se tornaram museus, centros culturais, etc.

Assim, observados um a um, inseridos em configurações urbanas e institucionais que antes não existiam, passaram a ser vistos como unidades e não como casas irmãs. Uma estratégia cultural e sensível que os reconectassem traria outro vigor para estas casas, e outro nível de entendimento sobre o valor destes monumentos, que, além disso, retomando as três categorias apontadas por Marta Irving Mattos, os conventos podem ser apreciados, com base teórica e empírica criando conexões como:

**a) Os conventos e a natureza:** Na obra de Jaboatão e de Apolinário, é possível encontrar pequenas observações quanto aos sítios nos quais os conventos foram implantados. Algumas expressões como “lugares de se divertir” e adjetivos como “alegres”, tomando estas palavras dentro do contexto do século XVIII, sinalizam escolhas bem cuidadas, no sentido de prover aos moradores do convento, uma ambiência serena e que amenizasse o que deveria ser uma severa rotina diária. Contudo, não se encontra conexões claras com o que expressa por exemplo, o famoso Cântico das Criaturas.

No entanto, sabe-se ser parte da filosofia franciscana a ideia de que o ser humano se irmana com a natureza por meio da criação divina. Embora seja ponto de discussão o quanto os frades do período colonial tenham dado relevância a este aspecto do carisma da Ordem na construção de suas casas, é possível observar que em expressiva parte, os conventos, até os dias de hoje, usufruem de esplêndidas vistas naturais, como é o caso das casas de Paraguaçu, Vila Velha, Olinda, Penedo, Marechal Deodoro, São Sebastião e Cairu.

**b) Os conventos, cultura, história e espiritualidade:** Como já foi posto, é possível, por meio destas edificações, ter um acesso direto e sensível à história social e cultural do país e do próprio franciscanismo, acesso tal que pode ser feito de modo seriado atravessando o que chamaríamos aqui de uma paisagem em rota que conecta o Brasil praticamente de uma ponta



a outra. Os conventos podem proporcionar experiências aparentemente antagônicas como, a de Igarassu-PE *versus* Rio de Janeiro-RJ ou a de Marechal Deodoro-AL *versus* São Paulo-SP, mas que escondem a oportunidade única de acessar, de modo não ficcional, vislumbres do passado em diferentes escalas e contextos. As tensões presentes na história construtiva dos conventos, entre a espiritualidade franciscana e a política colonizadora, são outro ponto cujo conhecimento pode também ser sensivelmente descoberto e enriquecido percorrendo os conventos em rede.

**c) Os conventos e a hospitalidade:** Os conventos e hospícios foram concebidos antes de tudo com a missão de serem casas dos frades. Embora, hoje, parte dos exemplares brasileiros tenha perdido esta função, alguns encontraram, no oferecer hospedagem ao público em geral ou apenas ao de caráter religioso, estratégia para auxiliar na manutenção do edifício, como ocorre no convento de Penedo-AL ou no de São Paulo-SP – que compatibilizam a moradia dos frades com a hospedagem de visitantes. Esta é uma forma relevante de acesso aos conventos.

Cabe também relevar as ambiências acolhedoras que estas edificações propiciam. Por terem sido construídas visando serem espaços de prática religiosa, oferecem ao visitante, além dos atributos estéticos em geral ligados ao barroco, espaços de introspecção tão exíguos na vida cotidiana atual. Bem como permitem espaços de contato com a natureza. Não só os céus recortados nos claustros, mas também as extensas áreas vegetadas das cercas.

**Figura 8: Vista da janela para a cerca: o antigo convento franciscano de Marechal Deodoro-AL em sua relação com a natureza.**



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (2024)

**Figura 9: Vista aérea: O antigo convento franciscano de Marechal Deodoro-AL em sua relação com a natureza.**



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (2012)

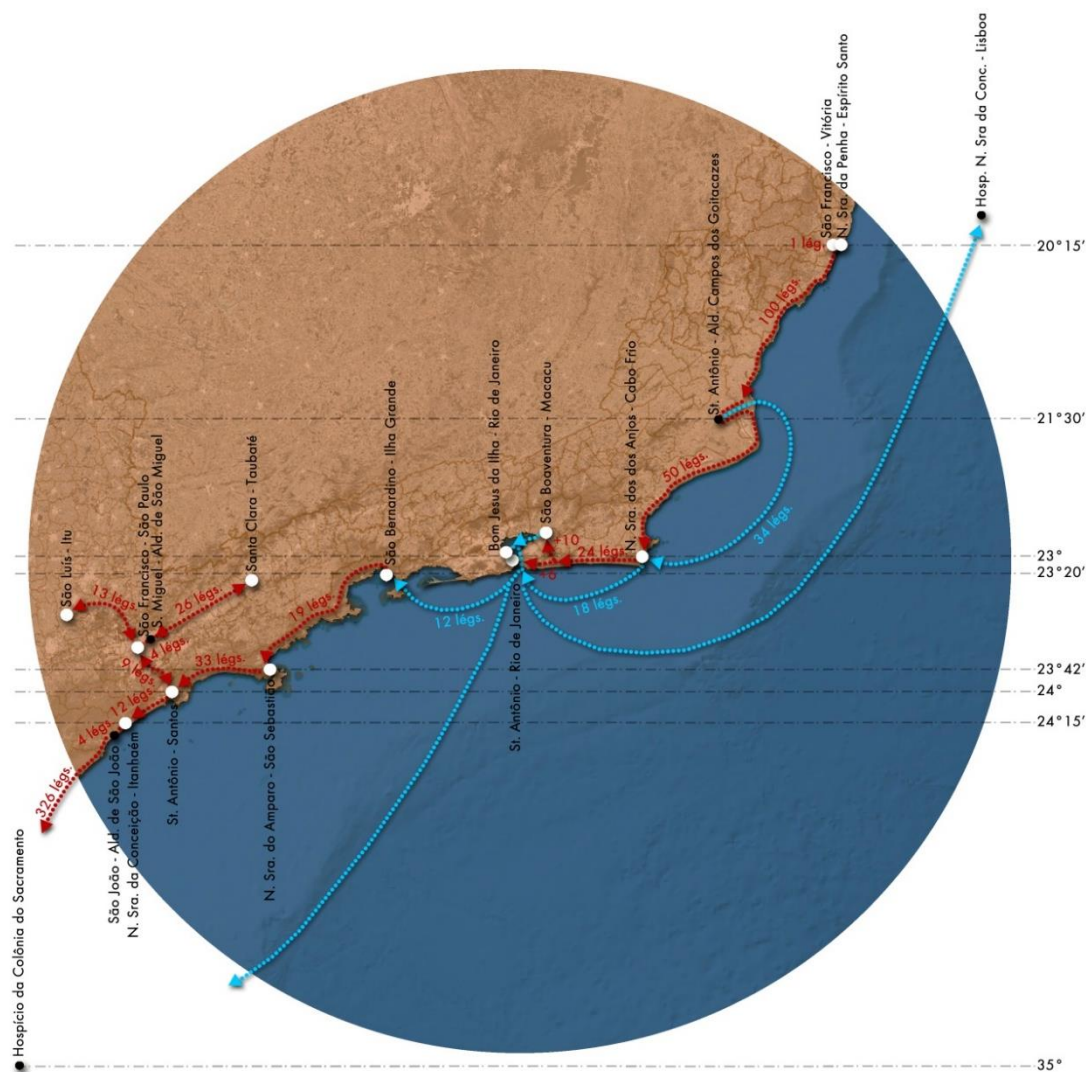
## **5 - A GUIA DE CONCLUSÃO: CONVENTOS, ESTRADAS, LIVROS, MAPAS E REDES DIGITAIS**

Na perspectiva de impulsionar as suas investigações, o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem privilegia, como já colocado, o contato empírico com os edifícios, mas não descarta as possibilidades oferecidas a partir dos canais virtuais. Portanto, muitas fontes têm sido acessadas através dos meios digitais, em especial mapas e outros materiais iconográficos, bem como tem sido produzido pelo Grupo material de divulgação e socialização do conhecimento por meio dessas mesmas vias. Dentre os produtos realizados e vinculados ao tema aqui abordado, estamos nos empenhando na montagem de um site que visa apresentar o conhecimento produzido pelo Grupo acerca dos conventos e do franciscanismo ao longo dos anos. Além disso, busca fornecer dados atualizados que impulsionem o conhecimento dos conventos enquanto conjunto patrimonial, acentuando a importância de entendê-los nesse formato e, a partir dos argumentos já colocados, incentivar a interligação dos mesmos através de rotas considerando o seu patrimônio paisagístico, os seus vínculos com a cultura, história

e espiritualidade e a questão da hospitalidade, incentivando, por conseguinte, sua visitação turística sensível e sustentável.

A construção da proposta das rotas tem se valido da metodologia já há muito praticada pelo Grupo, apoiando-se no seguinte tripé: a visitação e revisitação dos exemplares e experiência dos caminhos; a consulta aos textos primários tomando notas de como cronistas e outros antigos frades viajantes compreendiam e se acercavam da itinerância em meio aos caminhos do período colonial; análise e cruzamento de informações com material cartográfico histórico somados às imagens de satélite providas por redes como o Google Earth.

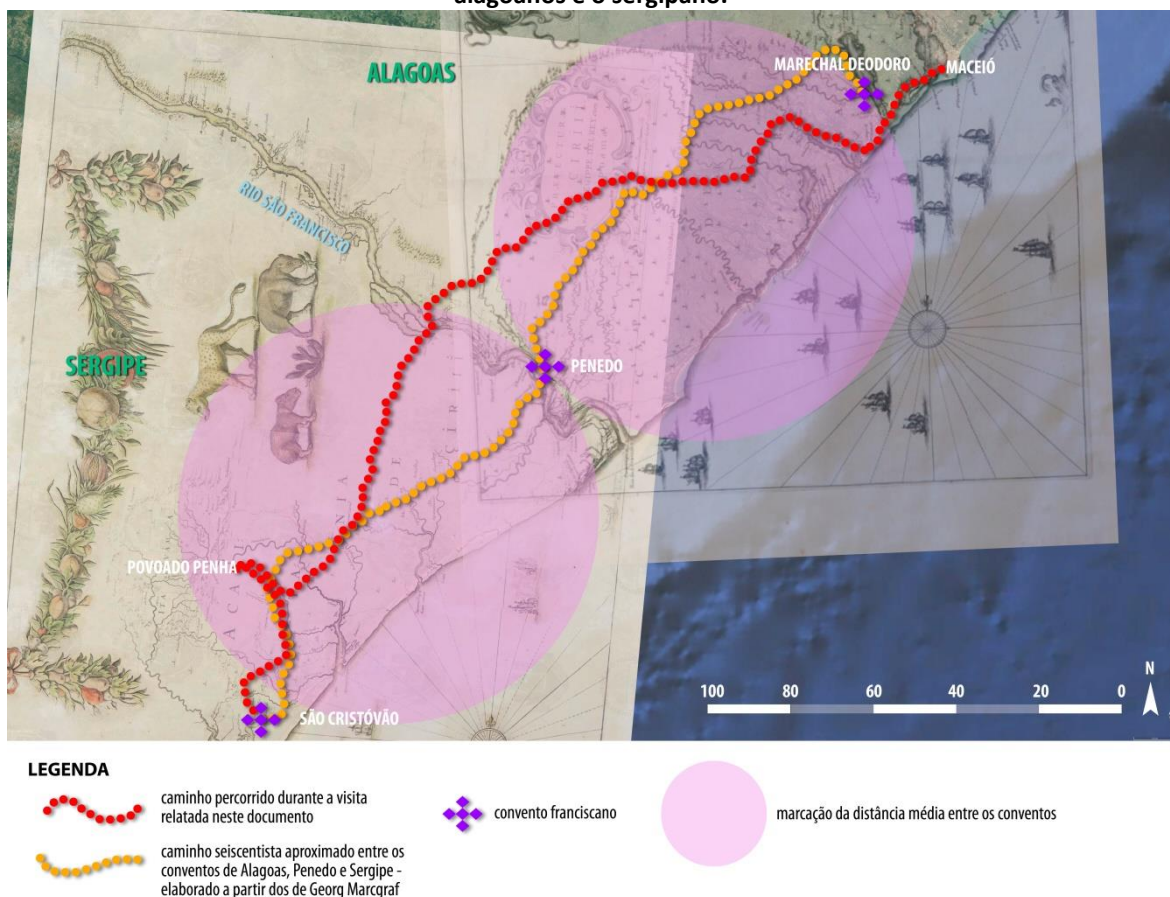
**Figura 10: Exemplo de análise cartográfica a partir do cruzamento de informações de fontes primárias: o roteiro de frei Apolinário através das casas franciscanas da Província da Imaculada – mapa elaborado a partir do Epítome (Apolinário, 1973)**





Fonte: Autores (2022)

**Figura 21: Exemplo de análise cartográfica a partir do cruzamento de informações de fontes primárias: análise preliminar dos caminhos possíveis de serem traçados entre os conventos franciscanos históricos alagoanos e o sergipano.**



Fonte: Autores (2024)

Pondo-se, pois, a caminho, percebe-se que as rotas com que acessar as casas conventuais, atualmente, nem sempre obedecem àquelas delineadas pelos antigos cronistas. Se antes percursos aquáticos serviam para encurtar caminhos ou se se contornavam relevos em busca do caminhar menos íngreme, hoje, as estradas podem cortar morros e rochas, produzir tuneis ou cruzar densos corpos d'água por meio de extensas pontes.

Em Itaboraí, por exemplo, além dos bloqueios institucionais – tem-se hoje o arruinado convento de Macacu em terras de exploração da Petrobras -, o original acesso pelas águas, que ligava a casa franciscana à Baía de Guanabara e aos conventos da cidade do Rio de Janeiro, já não mais se oferta como nos tempos do cronista Apolinário devido às mudanças de cursos e canalizações.

Mas, em outros lugares, as antigas relações são, e podem ser, mantidas e sentidas. Em Paraguaçu e em Boa Viagem (Salvador), as casas ainda tocam as águas com seus adros e arregimentam para si áreas de atracagem de embarcações. Por terra, entre os conventos paulistas, a lógica de percurso, que toma a casa de Santos como porta de entrada para o interior, distante das fozes que dão para o Atlântico, e que considera o convento de São Paulo como ponto de apoio e irradiação entre Taubaté e Itu, mostra-se ainda a melhor forma de visitação, como preconizado por Apolinário (Conceição, 1973) no século XVIII. Há, portanto, uma “arqueologia” dos caminhos que se pode “escavar” caminhando.

Alguns caminhos traçados nos mapas holandeses foram repertoriados e comparados com as estradas de rodagem atuais, sendo percebido uma significativa permanência de certos trechos abertos no período seiscentista (Cf. também Menezes, 2011).

Os conventos - ora vivos, com seus frades moradores, ora apaziguados em museus e prédios de dioceses, ora mortos em ruínas - quando percorridos, permitem acessar diversas camadas temporais. Aí está o cerne em visita-los na atualidade: percorrê-los em rede não apenas poderá promover a revalorização patrimonial do conjunto, mas, poderá ofertar a possibilidade de criar laços e experiências culturais mais densas entre conventos, pessoas e cidades, num processo que, ao enfatizar as conexões entre natureza, história e hospitalidade, por meio de uma perspectiva renovada de turismo, traz novos subsídios ao nosso conturbado presente, quando uma visão multiespécies - que ecoa a irmandade franciscana sonhada pelo santo de Assis- um retorno a ambientes de silêncio, introspecção e calma – adverso à vida conturbada e veloz - pode se valer das ambiências serenas dos conventos e de suas matizes de espiritualidade, longe dos caracteres predatórios e de consumo que comumente o turismo de massas provoca.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Érica Aprígio de. **Do adro à praça**: desenhos e significados da presença franciscana nas cidades de Marechal Deodoro e do Penedo – AL. 2012. 181 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado - DEHA) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.



ALVES, Náide. **Patrimônio invisível**: as cercas dos conventos franciscanos do Nordeste brasileiro. 2017. 194 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado - DEHA) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

AMORIM, Maria Adelina. **Os Franciscanos no Maranhão e Grão-Pará**: missão e cultura na primeira metade de seiscentos. Lisboa: CLEPUL/CEHR, 2005.

BAZIN, Germain. **A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil**, v. I e II. Rio de Janeiro: Record, 1983.

CAMPELLO, Glauco de Oliveira. **O Brilho da Simplicidade**: dois estudos sobre arquitetura religiosa no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2001.

CONCEIÇÃO, Apollinario da. **Claustro Franciscano**: Erecto no dominio da Coroa Portugueza, e estabelecido sobre dezeseis Venerabilissimas Columnas. Expoem-se sua origem, e estado presente. Lisboa Occidental: Offic. Antonio Isidoro da Fonseca, 1740.

\_\_\_\_\_. Epítome da Província Franciscana da Imaculada Conceição no Brasil (1730). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, v. 296, p. 68-165, 1973.

\_\_\_\_\_. **Primazia Serafica na Regiam da America**: novo descobrimento de santos, e veneraveis religiosos da Ordem Serafica, que enobrecem o Novo Mundo com suas virtudes, e acçoens. Lisboa Occidental: Officina de Antonio de Sousa da Sylva, 1733.

FRANCO, José Eduardo (Org.). **Dicionário Histórico das Ordens Institutos Religiosos e outras formas de vida consagrada católica em Portugal**: Cronologia da História da vida consagrada. Lisboa: Gradiva, 2010.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiplateritorialidade**. 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2017.

DIDI-HUBERMAN, George. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017. Tradução de André Telles.

JABOATAO, Antonio de Santa Maria (1761). **Novo Orbe Serafico Brasilico ou Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil**. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858. Vol. 1 e 2. Impressa em Lisboa em 1761, e reimpressa por ordem do Instituto Histórico e Geografico Brasileiro.

\_\_\_\_\_. **Novo Orbe Serafico Brasilico ou Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil: Parte Segunda**. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1859. Vol. 1. Inédita, impressa por ordem do Instituto Histórico e Geografico Brasileiro.

\_\_\_\_\_. **Novo Orbe Serafico Brasilico ou Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil: Parte Segunda**. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1861. Vol. 2. Inédita, impressa por ordem do Instituto Histórico e Geografico Brasileiro.

\_\_\_\_\_. **Novo Orbe Serafico Brasilico ou Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil: Parte Segunda**. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1863. Vol. 3. Inédita, impressa por ordem do Instituto Histórico e Geografico Brasileiro.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MAGALHÕES, Ana Cláudia; FERRARE, Josemary; SILVA, Maria Angélica da (Org.). **O convento franciscano de Marechal Deodoro**: Santa Maria Madalena. Brasília: Iphan, 2012.

MARX, Murillo. **Seis conventos, seis cidades**. 1984. 238 f. Tese (Doutorado) - Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

MATTOS, Flávia. Entrevista com Marta de Azevedo Irving. **Caderno Virtual de Turismo**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 8, 30 abr. 2021. Editora de Livros IABS.

MENEZES, Catarina Agudo. **A escrita no chão**: a formação do território de Alagoas por meio de fontes coloniais. 2011. 167 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado - DEHA) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

ROCCA, Giancarlo; PELLICCIA, Guerrino (dir.). **Dizionario degli istituti di Perfezione**. V 10. Roma: Edizione Paoline, 1974.

SILVA, Maria Angélica da (org.). **A Invenção da Cidade**. Maceió: EDUFAL; Salvador: EDUFBA, 2019.

\_\_\_\_\_; MELO, T. S. de; ALVES, N.; ALMEIDA, R. E. R.; LOPES, J. R. R.. Habitar Conventos, Frequentar o Mundo: percursos de viagem, rotas digitais. In: DIAS, Juliana Michaello Macêdo; OLIVEIRA, Roseline (org.). **Temporalidades e Apropriações**: representações e processos do habitar, Coleção Dinâmicas do Espaço Habitado, v. 1. Curitiba: CRV, 2022. p. 64-83. Disponível em: <https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/36717-temporalidades-e-apropriacoes-brrepresentacoes>. Acesso em: 04 jan. 2022.